

Bandeira Tubuzi
"Do Silêncio ao
Concretismo"
(Renascimento da cul-
tura maranhense)

(Com "Cadernos Brasileiros"
nº 2 Ano IV - Rio, 1962)

O Silêncio do Concretismo

(Renascimento da Cultura Maranhense)

Dandevia Tribuzi

Depois de muitos anos de festi-
gio e glória, que culminavam naque-
la geração do fim do século, integrados
por Coelho Neto, os irmãos Azevedo,
Raimundo Correia, de difícil parale-
lo na história de nossa literatura,
poderia parecer que a decadência
econômica que retirara do Maranhão
a opulência do passado e tão perfeito-
mente se retrata no vazio dos so-
brados e nas ruas desertas da cida-
de-morta de Alcântara, a antiga capi-
tal, estendera seus devastadores efeitos
também aos campos do espírito: o Bra-
sil já só conhecia, da inteligência
maranhense, a memória de outros
tempos.

Anos de Silêncio

Na verdade, que recebera de um
Aluizio Azevedo, de um Coelho Neto,

(2)

de um Raimundo Correia, nos comecos do século, uma heranca preciosa é uma pesada responsabilidade, não conseguim vencer os limites provincianos.

É, talvez, muito cedo para que possamos julgar essa geração e ainda difícil, portanto, poder identificar se a ausencia de vinte anos traduziu a falta de fôlego literário dos homens que a acompanharam ou foi apenas resultado das condições em que surgiram e, se foram fráguas se estiolou.

Nem o "mestre" Nascimento Moraes, nem Correio de Araujo, nem o dramático Manuel Sobrinho, nem o castico Luso Torres conseguiram, na verdade, ultrapassar as fronteiras espirituais de sua terra e aceitaram, talvez com mágoa mas com resignação, a tarefa de pequenos deuses locais, cercados da admiração um tanto irônica dos maraúhenses que talvez não lhes perdoassem o conformismo ou a incapacidade para maiores voos.

Perpetuaram um legado de boemia que há muito se divorciara da vida intelectual e, talvez seduzidos pelo pensamento poético de Raimundo Correia (a felicidade, arvore de doirados frutos /... nunca

(3)

(3)

a alcançamos (pois está sempre apenas onde a pomos / e nunca a pomos onde nós estamos), passaram a olhar a Academia Maranhense de Letras, o pomo da felicidade suprema, e, como fosse relativamente fácil o acesso, logo se encheram da pequena glória. E emudeceram.

As Maranhãs prestou a concolação de um tratamento de Atenas, exorbitante sem dúvida, e que passou a ser invocado como quando nos dirigimos ao filho mediocre de uma celebridade para dizer-lhe: "Conheci muito seu ilustre pai..."

A Graça de Trinta

A revolução literária de 22, talvez o maior acontecimento de nossa história cultural, não teve os ecos de sua vitalidade sóz escutada no Maranhão. A ~~atitudão~~ atitude de Graça Brauha foi, em tudo e por tudo, um gesto pessoal e isolado, de que o seu Estado nem sequer se apercebeu, e os poetas maranhenses continuaram cantando pomos - ficamente suas alegrias e tristezas, numa aderacão pelo Panasiatismo da forma que, 'Brasil afora, ia sendo derrubada pelo gutisopolozismo dos chamados modernistas.

(9)

(9)

Era uma hibernação muito vizinha da morte: o sono de quase vinte anos bem poderia ser definitivo. Mas a verdade é que, assim como a decadência econômica do Maranhão é uma triste realidade, empobrecendo uma terra fértil e prodigiosa, com imensas ~~riquezas~~ reservas inexploradas, também o silêncio literário não era de morte. Bata mas seguramente fermentavam as sementes de vitalização da cultura e uma geração presa ainda aos bancos escolares preparava-se para quebrar a estagnação e agitar novamente de tumultuante vida espiritual a velha São Luís, que parecia dormir tranqüila em suas ruas seculares, em seus íngremes becos de pedras solidas pelo tempo, no doce colorido de seus azulejos e na tranqüila paz dos mirantes e das torres das velhas igrejas, entre um céu muito azul e a azul água dos rios que a abrasam.

Embora o hábito de cultivar um helenismo demoré possa sugerir a continuação do estado de espírito da geração anterior - o grupo pontificava na revista *Atenas e Lere* e sua organização no que de Cenáculo Graça Araújo - a verdade é que a geração de trinta ou, para falar melhor, de 35, estava profundamente informada das novas idéias e tendên-

(5)

(5)

rias literárias. O modernismo, que já amadurecera no país e era uma realidade inteiramente aceita, não era já um estranho para esses jovens que iriam encontrar à sua frente uma época tumultuada (revolução de 85 e 37 Estado Novo, Guerra Mundial) e que, embrenhados ainda pela tradição de boêmia herdada de gerações anteriores, e castigados por um nível de vida cada vez mais precário, teriam sua mensagem truncada, em muitos casos, pela morte que truncou vocações como a de um Edmo Breda, de um Baudilio Gomes.

Estes e Oswaldino Marques, Franklin de Oliveira, Josué Montello, Manuel Cactano Bandeira de Melo, Erasmo Dias, J. Figueiredo e Correia da Silva foram as principais figuras do movimento que, nos últimos anos da década de trinta, agitou a velha província.

Conferências, reuniões, debates, exposições de pintura, inauguração de revistas e suplementos literários caracterizaram a presença do grupo que provocou discussões acaloradas e ebulição nos comentários da cidade interiorana.

Concomitantemente, como já dissemos, a morte roubou algumas vocações bem definidas e, dentre destas, é justo ressal-

⑥

⑥

far a figura impressionante de Edmo Beda, um autêntico líder desde os bancos escolares, sob a luz de alguns dias se fecharam quando contava apenas 21 anos de idade e muito se poderia esperar de sua autêntica vocação de poeta. Uma boa parte de sua obra, dispersa em jornais e revistas, resiste às circunstâncias da idade e da época e constitui, ainda hoje, excelente mensagem lírica.

Pressionados pelas limitações econômicas da Província, que não oferecia já a menor possibilidade de realização literária, muitos elementos do grupo emigraram para o sul e, vencendo as dificuldades do meio e sua condição de provincianos, vieram a firmar um lugar de destaque na vida literária do País. É o caso de um Oswaldo Marques, poeta e sobretudo crítico dos mais argutos, de um José Montello, romancista a quem chegou a consagração da Academia Brasileira de Letras, de um Franklin de Oliveira, que trocou a fama de cronista consagrado pelo crítico e ensaísta de peso, de um Manoel Caetano Bandeira de Melo, que acaba de dar-nos, com sua obra "O Etnogênese da Origem das Espécies" a autên-

⑦

Fica medida de sua capacidade de Ody-
lo Costa Filho e Neiva Moreira (que tudo emi-
grado muito cedo, não chegaram a pertenc-
er ao Cenáculo), nomes destacados do
jornalismo brasileiro.

Um Pequeno Intervalo

Deixando sua Terra rumo ao sul do
País, onde iriam renovar o prestígio
da cultura maranhense, os homens da
geração de 30, quase abriam um vazão
na vida literária da província, pois a
verdade é que partiriam antes do amadu-
recimento de outra geração para substituí-
los. A semente porém, estava lançada -
a terra era daquelas que "em se plan-
tando, dar-se-á nela tudo" - e assim,
mesmo no curto intervalo que se seguiu
à emigração em massa dos homens do
Cenáculo, podemos apontar a existência
de dois núcleos que atestavam a vique-
za intelectual dos poetas maranhenses: o
Centro Cultural Gonçalves Dias, o Núcleo
Cláudio Viçente.

O primeiro congregava, entre outros, Jo-
sé Nascimento de Moraes, Reginaldo Telles, Jo-
sé Bento Neves, Vera Cruz Santana, Dagmar
Desterro. Injúncões diversas dispersaram os
componentes do grupo por caminhos não-
literários, exceção feita para Nascimento

⑧

de Moraes e Dagmar Desterro, Reginaldo Felles e Bento Neves (prêmio de teatro da SCAM, em 1949) abraçavam a política e o jornalismo, Vera Cruz a advocacia, para nela deixarem a marca de seu talento. Pelo Centro Cultural Gonçalves Dias viriam a passar, ainda que transitóriamente, Lago Burnett Ferreira Gullar e autor desta reportagem. Nela se feriram várias polémicas ante as tendências meio-academicas (que persistiam ainda transmitidas das cátedras pelos mestres mais velhos) e modernas, algumas de caráter algo violento.

O Nucleo Elyseu Visconti reunia os pintores J. Figueiredo (que vinha do Cenáculo e fora aluno do grande Santa Rosa), Floriano Feiszeira, Odino Selva e Cláudio Castelo Branco. Sua sede era um amplo quarto do segundo andar de um velho sobrado da rua 28 de Julho (entre o meretício e a Graia Grande - zona do comércio atacadista), de cujas janelas se desfrutava um belo panorama, que se espraiava dos telhados sujos de idade e musgo pelas ruas e becos seculares até às águas da Baía de S. Marcos. Embora as condições fôsem precárias e o aluguel de 300 cruzinos atormentasse os pintores com a ameaça constante de despejo, foi o NEV um autêntico centro de cultura moderna de onde partiriam várias exposições (motivo de escândalo para os olhos

9

9

provincianos desacostumados) e três talentos definitivos: J. Figueiredo, Ladino Silva e Flornano Teixeira, este, talvez o maior pintor maranhense de todos os tempos.

Em meados de 47 o Núcleo ganhou nova vitalidade, deixando de ser apenas, um atelier de pintura. A extraordinária Lúci Teixeira (que regressara de Minas onde convivera com Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Murilo Rubião, Jacques do Prado Brandão, J. ~~Ethiense~~ Ethienne Filho) José Brasil - um animador do teatro - eo autor da reportagem (BT) juntam-se ao grupo de pintores e começam a tramocar um grande acontecimento capaz de abalar, de uma vez por todas, a sensibilidade cultural da velha província. Este souho foi

A Nunca Realizada Semana de Arte Moderna.

De Mário de Andrade, Carlos Drummond, Jorge Amado, Luis do Rego, Graçiliano Ramos e Diniz de Moraesoram os líderes de cabeça dos componentes do grupo a que se somariam, posteriormente, os nomes de Brasão Dias (que vinha da geração de trinta e ganhara raízes na província), Carlos Madeira, Luiz Carlos Reb Farga, José e Evandro Sarney Costa. Em longas conversas que nas-

(10) (18)
ciam no Nucleo Elyseu Visconti e se prolonga-
ram e ampliaram na Praça João Bisbo,
na Avenida Beira-Mar (próximo de qual resi-
dia Lucy) e nos bares do Castro e do Marisco,
pela noite, surgiu a ideia de realização de
uma "Semana de Arte Moderna" nos moldes
(guardadas as devidas proporções) da SAM
de 1922, em cujo programa se incluíam
conferências, debates, exposições de pinturas
e espetáculos teatrais. A falta de uma
burguesia do café com vocação para o me-
cenato, a Semana não conseguiu ser mais
do que um belo sonho irrealizado. A cha-
ma de que se alimentava era, porém,
pova e iria resultar numa série de reali-
zações que marcariam época na década
de 40.

Surgiu a primeira publicação literá-
ria exclusivamente de novos e de tendências
moderna, o jornalzinho Malagarte, dirigido
por J. Figueiredo e Correia da Silva, que conti-
nha colaborações de todo o grupo e cujos dois
números foram vendidos na velha praça João
Bisbo pelos próprios colaboradores improvisados
em jornalistas. Ao Malagarte seguiu-se A Ilha
sob a direção de José James Costa e do autor
da reportagem, que em 1948, publicava (BT)
Alguns Existência (poema), iniciando a ativi-
dade editorial que seria depois continuada
por Lago Burnett com suas edições Afluente,
responsável pela publicação de obras de poetas

(11)

(12)

da nova geração.

A revista "A Ilha" teve também uma vida muito breve: na realidade não passaria do seu segundo número, mas concretizava idéias e uma orientação mais amadurecidas. Lucy Feixeira, com o pseudônimo de Maria Karla, escrevia uma crônica diária no jornal O Imparcial, cujo suplemento literário obedecia à direção de José Sarney Costa abria suas colunas ao grupo, possibilitando a revelação da magnífica vocação de crítico literário de Carlos Madeira, cuja extrema discreção não tem permitido que seu nome obtenha a profeção que merece.

Carlos Madeira escrevia os rodapés de crítica e Domingos Vieira Filho, que Odylto Costa já comparou a João Ribeiro na multiplicidade da curiosidade de seu espírito, escrevia sobre folclore, sobre história, sobre etnografia.

A essa altura, Burnett e Gullas lançam também um suplemento literário dominical no Diário de São Luís (que na época de 1957 teria suas instalações incendiadas) e seus nomes começavam a merecer a atenção dos círculos intelectuais do Maranhão. Em 1949 apareceram nas livrarias os primeiros livros dos dois jovens poetas (dezo Burnett: "Estrela do Céu Perdido" e Ferreira Gullas: "Um pouco acima do chão") que iriam ter papel de destaque na sua geração. Em fins de 48 e sob os auspícios

(11)

da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão, Floriano Teixeira realizou sua grande mostra individual de pintura no salão nobre do Teatro Artur Azevedo, apresentando mais de 100 trabalhos (entre desenhos, aquarelas e trabalhos a óleo). A inauguração dessa retrospectiva de Floriano foi um acontecimento: reuniu cerca de 300 pessoas e se constituiu numa prova de prestígio que já adquirira não só o pintor como o grupo de jovens que, a essa altura, fazia vida literária na ilha provinciana. Era a consagração de um talento excepcional de um autodidata que conseguia vencer as circunstâncias para realizar-se como autêntico pintor. Pouco tempo depois o pintor se transferia para Fortaleza, onde sua arte viria a amadurecer mais ainda e onde realizou dois grandes murais em que são evidentes o vigor do talento, a segurança do desenho e uma apurada perícia no uso das cores. Floriano evoluiu formalmente, mantendo-se, porém, sempre fiel aos seus temas, criando telas onde coisas e seres se impregnam de profundo humanismo.

Assim, embora a Semana de Arte Moderna, por ser entusiástica daquelas provas talentosas, nunca tenha chegado a ser realidade, o Grupo Ilha marcou fortemente a sua presença e conquistara um importante lugar na história literária do Maranhão. Motivos diversos levariam à disper-

(12)

13

13

São do grupo, mas seus elementos continuariam presentes na vida cultural da província ou rompiam mesmo as fronteiras desta para ganharem projeção nacional.

Foi precisamente quando o Grupo Ilha se dissolveu que poetas, pintores, contistas, alguns oriundos de grupos anteriores, outras recém-chegados à vida literária da província, se reuniram no que poderá ser chamado o "Grupo Afluente" ou Grupo da Morelândia Guaraná.

O Grupo da Morelândia Guaraná.

Os primeiros sinais de existência deste grupo vieram da revista Afluente, dirigida por Lago Burnett e Ferreira Gullar, cuja capa do primeiro número era um trabalho do pintor Laque Pedro, há anos ausente do Maranhão, que se encontrava há algum tempo em seu Estado natal no gozo de prêmio de viagens ao país do Salão Nacional de Belas Artes e que, pouco depois, teria sua promissora carreira de artista truncado por morte súbita.

Como ocorrera com as anteriores tentativas, também Afluente não passou do segundo número - e boa vontade dos focos quebrava-se contra as dificuldades materiais e as magras bolsas não resistiam ao autêntico auto-mecenas. A inquéria literária continuava, porém, in-

(14)

(14)

teusa e foi então que Pedro Paiva, double de pini-
tura e comerciante de móveis, nascido no Rio
Grande do Norte mas chegado ao Maranhão ain-
da menino, colocou as poltronas de seu es-
tabelecimento à disposição do grupo que se for-
mava em torno de Afluentes e do qual ele
próprio fazia parte. A' exceção dos sábados,
quando a Moradia Guanabara fechava,
pois Paiva era, ao tempo, sabatista, todas as
fardas, em 3 e 7 horas, poderíamos encontrar
Lucy Teixeira, Ferreira Gullar, Lago Burnett,
Antônio Almeida (pintor de excepcional talen-
to e permanente inquietação), Antônio Luiz
Oliveira (crítico), Pedro Paiva e J. Figueiredo
no bate-papo animado, discutindo, lendo poe-
mas, observando quadros, traçando planos e
sonhos: irrealizáveis muitos, generosos todos.

Em 1950, o jornal de letras organiza
um concurso de poesia, conto e ensaio
que obtine repercussão nacional. O Ma-
ranhão estaria presente ao concurso pa-
ra obter 2 dos prêmios, no julgamen-
to confiado a figuras do maior des-
taque na vida intelectual do País; poesia -
Ferreira Gullar e conto - Lucy Teixeira.
Era a comprovação da excepcional quali-
dade dos artistas maranhenses da nova
geração. Os premiados foram realmente
as duas figuras mais destacadas do gru-
po e lançaram, por essa época, o
"Manifesto do Antiquetismo", em que consub-

lançavam suas conclusões sobre a necessidade de ser dado novo rumo à poesia brasileira que, à ~~exceção~~ exceção da linha Carlos Drummond - João Cabral de Melo Neto acusavam de ser demasiado quente: artificialmente lírica e falsamente humana.

Uma análise justa dos acontecimentos nos conduziria à conclusão de que o antiquentismo é um antecedente remoto do concretismo, assim como o lirismo A Leitura Corporal (1954) de Ferreira Gullar, viria a ser o antecedente próximo do discutido movimento.

Em 1957, Gullar e Lucy Teixeira transferiram-se para o Rio, onde se integraram nos movimentos artísticos de vanguarda. A Morelaria Guanabara fecha suas portas. Pedro Paiva segue para o Rio também e J. Figueiredo para Fortaleza. O grupo dissolvia-se.

Vinculado ao grupo da Morelaria Guanabara, posto que não integrado no mesmo, surgiu, na época, o Teatinho dos Novos, que levou à cena várias peças inócuas e revelou o talento de um jovem, hoje radicado no Rio, onde já venceu vários concursos de teatro, e cujo nome é já hoje mais do que uma esperança: Cleber Fernandes Ribeiro.

O Grupo Legenda.

Em 1957, aparecia à venda em S. Luís

16

16

uma revista cuja capa revelava já toda uma tendência e que, pelo seu cuidado aspecto gráfico, despertou logo a atenção:

Legenda. Dirigia-a o poeta Bernardo Coelho de Almeida e entre seus colaboradores contavam-se José Bernardo* Taça, Fernando Moreira, Antônio Almeida, José Chagas, Manoel Lopes e Antônio Sarmiento. Era um novo e talentoso grupo que se congregava para tentar vencer a circunstancialidade dos suplementos literários em que despertara e apresentava sua mensagem.

A vida cultural do Maranhão ganhava ritmo e, embora as circunstâncias do meio continuassem a dificultar a vida intelectual, uma consciência mais profunda da missão do artista ganhava corpo - as sucessivas tentativas dos diversos grupos para fixar sua presença em publicações sérias indicavam que a arte já não era considerada como um "sorriso da sociedade" mas como atividade humana profunda e transcendente.

Das várias tentativas de peças teatrais, animadas quase todas por Ubiratan Teixeira, que visitara os centros de teatro da Europa com Pascoal Carlos Magno, pode ser destacada a apresentação da peça Auto de Inês sem Pedro (original de Fernando Moreira) pelo alto nível do

* Belo